



## REFLEXÕES SOBRE A JUSTIÇA CLIMÁTICA NOS CONTOS “SAND”, “ON DARWIN TIDES”, “FOR THE SNAKE OF POWER” E “HALF-EATEN CITIES”.

Delzi Alves Laranjeira<sup>1</sup>  
Xismara Gizele da Mata Vieira<sup>2</sup>  
Tainã Victor Carvalho dos Santos<sup>3</sup>

### Resumo:

Embora tenha sido abordada pela ficção especulativa desde o século dezenove, a partir da primeira década do novo século as mudanças climáticas adentraram fortemente na cena literária quando os escritores enfatizaram o tema por meio de vários gêneros, incluindo a ficção climática, que engloba obras focadas nas mudanças climáticas e seus impactos sobre o planeta. Entre os diversos aspectos abordados por essas narrativas, a justiça climática assume um papel crucial. É consenso que os países em desenvolvimento são os mais propensos a sofrer os efeitos devastadores de inundações, de secas severas, de ondas de calor, de frio extremo e de extinção de espécies advindos das mudanças climáticas de causas antropogênicas. Tal fato salienta a discussão sobre a justiça climática, ou seja, a distribuição desigual dos impactos das alterações climáticas. A ficção climática apresenta cenários possíveis ocasionados pelas mudanças climáticas, apontando, implícita ou explicitamente, quem e o que é impactado por seus efeitos adversos. Perspectivas sobre a justiça climática são analisadas nos contos “Sand” (Conor Corderoy), “On Darwin Tides” (Shauna O’Meara), “For the snake of Power” (Brenda Cooper) e “Half-eaten cities” (Vajra Chandrasekera). Esses contos retratam como as personagens lidam com os efeitos do clima e como os espaços físicos, naturais ou urbanos, são afetados por ele. Suas narrativas evidenciam questões relacionadas à justiça climática, entre elas as dificuldades enfrentadas pelas pessoas para sobreviver em realidades profundamente alteradas e a discrepância na percepção dos impactos da crise climática conforme a condição econômica e social. Essas representações da justiça climática na ficção climática contemporânea reforçam a urgência da reflexão a respeito das desigualdades que acometem as populações e os ecossistemas mais vulneráveis e também sobre as possíveis alternativas de adaptação e compensação.

<sup>1</sup> Doutora em Letras – Estudos Literários (UFMG), professora de literaturas de língua inglesa. Pesquisa elaborada no âmbito do Projeto “Estudos sobre literatura e meio-ambiente: abordagens da (in)justiça climática e ambiental na ficção climática contemporânea de língua inglesa”. Fomento: PAPq-Programa de Apoio à Pesquisa (Edital 11/2022), da Universidade do Estado de Minas Gerais. Email: delzi.laranjeira@uemg.br.

<sup>2</sup> Graduanda em Letras, bolsista de Iniciação Científica (PAPq- UEMG). Email: xismara.1394705@discente.uemg.br.

<sup>3</sup> Graduando em Letras, colaborador voluntário. Email: taina.1394926@discente.uemg.br

**Palavras-Chave:** Ecocrítica. Antropoceno. Mudanças climáticas. Ficção climática. Justiça climática.

**Abstract:**

Although speculative fiction has addressed it since the nineteenth century, climate change entered the literary scene in the first decade of the new century, when writers emphasized the theme through various genres, including climate fiction, which encompasses works focused on climate change and its impacts on the planet. Among the multiple aspects these narratives address, climate justice plays a crucial role. There is a consensus that developing countries are the most likely to suffer the devastating effects of floods, severe droughts, heat waves, extreme cold, and species extinction caused by anthropogenic climate change. This highlights the discussion about climate justice, that is, the unequal distribution of the impacts of climate change. Climate fiction presents possible scenarios caused by climate change, implicitly or explicitly pointing out who and what is impacted by its adverse effects. Perspectives on climate justice are analyzed in the short stories “Sand” (Conor Corderoy), “On Darwin Tides” (Shauna O’Meara), “For the snake of Power” (Brenda Cooper) and “Half-eaten cities” (Vajra Chandrasekera). These short stories portray how the characters deal with the effects of the climate and how physical spaces, whether natural or urban, are affected. Their narratives highlight issues related to climate justice, including the difficulties people face to survive in profoundly altered realities and the discrepancy in the perception of the impacts of the climate crisis according to economic and social conditions. These representations of climate justice in contemporary climate fiction reinforce the urgency of reflecting on the inequalities that affect the most vulnerable populations and ecosystems and on possible alternatives for adaptation and compensation.

**Keywords:** Ecocriticism. Anthropocene. Climate change. Climate fiction. Climate justice.

O campo dos Estudos Ecocríticos surgiu na academia ao final dos anos setenta, a partir de iniciativas isoladas de pesquisadores que abordavam as relações entre literatura e ecologia. Na década seguinte, estudiosos do campo começaram a trabalhar colaborativamente e, nos anos noventa, com a criação da Associação para os Estudos de Literatura e Meio ambiente (ASLE), e do periódico *Estudos Interdisciplinares entre Literatura e Meio Ambiente* (ISLE), os “estudos literários ecológicos emergiram como uma escola crítica reconhecida” (Glotfelty, 1996, p. xviii, tradução nossa)<sup>4</sup>. No arcabouço dos estudos ecocríticos, narrativas literárias que trata, implícita ou explicitamente, de temas relacionados ao meio ambiente e à ecologia são investigadas para, entre outros objetivos, verificar como estabelecem interconexões entre natureza e cultura, especificamente os artefatos culturais da linguagem e da literatura.

---

<sup>4</sup> (...) ecological literary study had emerged as a recognizable critical school.  
Rile/Jile – An International Peer  
Reviewed Journal

As mudanças climáticas e suas consequências, independentemente de suas causas, têm sido exploradas pela ficção especulativa desde as últimas décadas do século 19, (Asselin, 2018, p. 440)<sup>5</sup>, principalmente pela ficção científica, com foco em futuros apocalípticos ocasionados por alterações climáticas. Adam Trexler (2015, p. 8, tradução nossa) refere-se a um “considerável arquivo de ficção climática” a partir dos anos cinquenta do século passado, com obras que se tornaram clássicos como *Areias de Marte* (1951), de Arthur C. Clark e *Duna* (1965), de Frank Herbert. As publicações com essa temática aumentaram significativamente ao final dos anos oitenta e noventa, a partir do século vinte e um, “a ficção climática expandiu-se constantemente” (Trexler, 2015, p. 8, tradução nossa).<sup>6</sup>

O jornalista Daniel Bloom é conhecido por ter cunhado o termo *climate fiction (cli-fi)* em 2007, preconizando a emergência de um novo gênero literário, embora tal fato seja debatido. Pawel Frelik, por exemplo, não concorda que a ficção climática tenha emergido subitamente no início dos anos 2000. Para ele, a “ficção climática é ficção científica” (2017, p. 125, tradução nossa, ênfase no original)<sup>7</sup>, e esta já abordava, décadas atrás, “as interações do progresso humano com a natureza” (2017, p. 129, tradução nossa).<sup>8</sup> A resistência em associar as narrativas que exploram as mudanças climáticas com a ficção científica se deve, segundo Frelik (2017, p. 126), à marginalização do gênero pela academia, categorizado como “baixa literatura” devido a sua origem na *pulp fiction*. Para a academia, a popularidade e o sucesso comercial da ficção científica seriam uma evidência de sua falta de profundidade artística, uma vez que o gênero estaria mais interessado em agradar o gosto de seu público do que em abordar questões literárias consideradas mais relevantes (como as abordadas pelo Modernismo, por exemplo). Ainda assim, para Frelik, a *cli-fi* é parte integrante do arcabouço textual da ficção científica e “sua relevância para nossas vidas e o futuro do planeta tem crescido explosivamente nas últimas décadas” (2017, p. 129, tradução nossa)<sup>9</sup>, não importando a sua denominação.

---

<sup>5</sup> Steve Asselin (2018, p. 451) cita o livro de James Rodger Fleming, *Fixing the sky* (2012), que identifica as obras *Sans Dessus*, de Júlio Verne (1889), *The American claimant* (1892), de Mark Twain, *The wreck of the South Pole, or the great dissembler* (1899), de Charles Curtz Hahn; *The great weather syndicate* (1906), de George Griffith; *The eighth wonder* (1907), de William Wallace Cook; *The evacuation of England: the twist in the Gulf Stream* (1908), de Louis P. Gratacap; *The man who rocked the Earth* (1915), de Arthur Train e Robert Williams Wood e *The air trust* (1915), de George Allan England, como “narrativas de geoengenharia”.

<sup>6</sup> climate fiction steadily expanded.

<sup>7</sup> climate fiction is science fiction.

<sup>8</sup> the interactions between human progress and nature.

<sup>9</sup> its relevance to our lives and the future of the planet has been growing explosively in the last several decades (...).

Independentemente de ser designada como ficção climática, eco-ficção, ou ficção do Antropoceno (Frelik, 2017, p. 125), a ficção climática contemporânea abarca narrativas que exploram as consequências das mudanças climáticas de causas antropogênicas (Johns-Putra, 2011, p. 186), retratando cenários que mostram o planeta (e tudo que nele se encontra) impactado pela crise climática, seja em um futuro distante, próximo ou no presente. Como ocorrem esses impactos e quem sofre seus efeitos constituem aspectos cruciais da discussão da crise climática, como observado por Schneider-Mayerson:

Na última década, acadêmicos e ativistas do Sul Global e aliados do Norte argumentaram, de forma contundente, que a mudança climática é uma tragédia ética que produz não apenas uma distribuição injusta de vulnerabilidades e impactos entre gerações (injustiça intergeracional), mas também entre diferentes grupos no presente e no futuro (injustiça distributiva), muitas vezes refletindo e reinscrevendo cartografias históricas de exploração e colonialismo (2019, p. 946-47, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Com o acirramento da crise, o debate sobre quem seriam os responsáveis por intensificá-la e quem é mais atingido por suas consequências tornou-se inevitável. Embora Schneider-Mayerson (2019, p. 953) argumente que na maioria da ficção climática contemporânea haja uma lacuna quanto às questões relacionadas à justiça climática, pode-se perceber, em publicações mais recentes, abordagens mais incisivas sobre essa temática.

Em linhas gerais, a justiça climática lida com a distribuição desigual dos impactos das mudanças climáticas sobre as comunidades vulneráveis e os esforços ensejados para alcançar soluções justas e equitativas. Isso inclui explorar questões como o acesso a recursos, à segurança alimentar, à migração e aos direitos dos povos originários, por exemplo. Como a ficção climática retrata cenários possíveis condicionados pelas mudanças climáticas, supomos que, explicitamente ou não, essas narrativas apontam quem e o que é impactado pela crise e pelos seus resultados adversos, possibilitando a discussão sobre como a justiça climática se estabelece e quão justas, ou não, podem ser suas manifestações.

As antologias *Winds of change: short stories about our climate* (2015), *Everything change: an anthology of climate fiction* (primeiro volume editado em 2016 e o segundo volume em 2018), e *The weight of light: a collection of solar futures* (2018) reúnem contos

---

<sup>10</sup> Over the past decade, scholars and activists in the Global South and allies in the North have argued compellingly that climate change is an ethical tragedy that produces not only an unjust distribution of vulnerabilities and impacts between generations (intergenerational injustice) but between different groups in the present and future (distributive injustice), often reflecting and reinscribing historical cartographies of exploitation and colonialism.

focados em retratar as realidades experienciadas por personagens vivendo em tempos nos quais o clima desconstrói a “normalidade” da vida, em face da necessidade de se adaptar a situações até então desconhecidas para continuar sobrevivendo. Nesse contexto, interpelam temas relacionados à justiça climática, direta ou tangencialmente. Os prefácios das quatro coletâneas enfatizam o compromisso comum dessas narrativas de abordarem os aspectos multifacetados da crise climática. No primeiro volume de *Everything change*, Kim Stanley Robinson, autor consagrado de ficção científica e climática, destaca que os contos versam “sobre coisas que acontecerão em breve, à medida que as pessoas tentam se adaptar às mudanças climáticas e seus impactos em nossa biosfera (2016, p. x, tradução nossa).<sup>11</sup> No segundo volume, editado em 2018, e novamente prefaciado por Robinson, ele observa que “[o] clima dessas histórias, repetidas várias vezes, é de tristeza com os danos que a mudança climática está causando a algum lugar e cultura específicos” (2018, p. ix, tradução nossa)<sup>12</sup>. Por sua vez, o prefácio de Michael Rothenberg em *Winds of change* enfatiza o engajamento de escritores e artistas na construção de um legado para as gerações futuras, diante das incertezas da crise climática:

O meio ambiente está dentro e fora de todos nós, e há sofrimento e confusão. Como resultado, poetas, escritores e artistas de todas as disciplinas iniciaram uma análise global poderosa e incessante sobre o que é o mundo e como ele será para nossos filhos, já que tudo o que pensávamos saber sobre nosso planeta Terra foi comprometido e deixado à deriva (2015, local 54, tradução nossa).<sup>13</sup>

Já na introdução da antologia *The weight of light*, Clark et all (2018, p. 15-16, tradução nossa) ponderam:

A luz solar banha a Terra com energia suficiente em um dia para 10 anos de consumo global de energia.  
A energia solar fotovoltaica é a tecnologia energética de crescimento mais rápido e de menor custo do planeta. (...)  
As opções de design solar também são sociais, econômicas, políticas e ambientais.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> (...) about things that will be happening soon, as people try to adapt to a changing climate and its impacts on our biosphere.

<sup>12</sup> The mood of these stories, repeated again and again, is grief at the damage climate change is doing to some particular place and culture.

<sup>13</sup> The environment is inside and outside of us all, and there is suffering and confusion. As a result, poets, writers, and artists of every discipline have begun a powerful and unceasing global analysis of what the world is, and what it will be like, for our children, as everything we thought we knew about our planet Earth has been compromised and set adrift.

<sup>14</sup> Sunlight bathes the Earth in enough energy in a day for 10 years of global energy consumption.

Portanto, os contos que compõe essa antologia apresentam um foco específico: imaginar cenários nos quais a energia solar torna-se a principal fonte de energia do planeta, construindo a transição da predominante matriz de carbono, baseada na queima de combustíveis fósseis, para um modelo de energia limpa, que possa oferecer soluções que visem ao bem-estar coletivo, incluindo o enfrentamento dos efeitos das mudanças climáticas.

As coletâneas atestam a contínua produção e divulgação de narrativas ficcionais no contexto do Antropoceno<sup>15</sup>, a época na qual os desequilíbrios no clima devido a causas antropogênicas culminam em mudanças e repercuções profundas, e, muitas vezes, traumáticas, tanto na esfera humana, quanto na não humana. A análise dos contos “Sand” (Conor Corderoy), “On Darwin tides” (Shauna O’Meara), “For the snake of power” (Brenda Cooper) e “Half-eaten cities” (Vajra Chandrasekera), presentes nas coletâneas mencionadas, visa a demonstrar como suas formas de representação e considerações sobre os impactos da crise climática delineiam reflexões sobre a relevância da justiça climática perante as desigualdades que acometem as populações e os ecossistemas, notadamente os mais vulneráveis.

Em “Sand”, publicado em *Winds of change*, o leitor se depara com três situações relacionadas às mudanças climáticas envolvendo crianças e suas famílias. Na primeira, Babacar, o filho de uma família senegalesa, testemunha o desespero de seus pais ao lidarem com o encerramento das atividades da fábrica onde Ibrahim trabalha, por causa de uma seca brutal na região. Diante do questionamento de Awa, sua esposa, de como sobreviverão a essa situação, Babacar observa seu pai responder: “Awa, Awa, o que posso fazer? Eu não sou ninguém. A ordem vem de Munique. Nossa fábrica no Senegal está fechada. Eles foram embora. O que posso fazer?”<sup>16</sup> A fala de Ibrahim delimita seu posicionamento na questão: ele não é “ninguém”. Invisível para seus empregadores, é descartado quando as condições de geração de lucro são alteradas pelas mudanças climáticas. Sem emprego e condições de

---

Solar photovoltaics is the fastest-growing and least expensive energy technology on the planet. (...) Solar design options are also social, economic, political, and environmental.

<sup>15</sup> Denominação para uma era geológica proposta pelo químico Paul Crutzen e pelo biólogo Eugene Stoermer no início do século 21, na qual as intervenções humanas no planeta afetam de maneira significativa os sistemas terrestres, incluindo o clima e os ciclos biogeoquímicos que são fundamentais para sustentar a vida na biosfera (Crutzen *et al.*, 2011, p. 843).

<sup>16</sup> “Awa, Awa, what can I do? I am nobody. The order comes from Munich. Our Senegal plant is closed. They have gone. What can I do?” (Corderoy, 2015, local. 1879, tradução nossa). As demais citações referem-se a essa edição. O título do conto (Sand) será incluído na referência parentética no corpo do texto, seguido da localização do texto na edição do Kindle.

sobrevivência, Ibrahim e sua família são, indubitavelmente, os mais afetados. Forçados a deixarem a vila onde vivem devido às duras condições impostas pela seca implacável, tornam-se refugiados climáticos e a sobrevivência da família é incerta e, ao final do conto, trágica.

A segunda situação envolve a família de outro funcionário da empresa, Peter, um executivo. Ele não é africano e não vive no Senegal, podemos inferir que seja oriundo do hemisfério norte, provavelmente dos Estados Unidos ou da Europa. Com o fechamento da fábrica em Senegal, ele comunica à esposa que terão de se mudar para o Canadá, onde uma nova fábrica será aberta. O filho do casal observa, assim como Babacar, os pais discutirem diante da recusa de Moira, a esposa, de migrar para o Canadá. Ela não gosta do lugar e não quer abrir mão do estilo de vida ao qual está costumada. Impaciente, Peter tenta explicar a necessidade da mudança, porém, Moira torna-se cada vez mais histérica e inflexível, ante os olhares assustados do filho.

Comparando a situação das duas famílias, observa-se que, enquanto na família de Ibrahim a discussão torna-se dramática, porque envolve a própria sobrevivência, na família de Peter a discussão limita-se a uma desavença conjugal. A família que vive no hemisfério norte tem uma vida confortável e sequer pensa sobre os impactos terríveis da seca que está assolando o Senegal e ameaça dizimar a família de Babacar. O conto enfatiza, com esses cenários, a discrepância na distribuição das consequências das mudanças climáticas na geografia social e econômica do planeta, como observado por Elizabeth Cripps (2022, p. 53, tradução nossa):<sup>17</sup> “[o]s danos climáticos têm a ver com a falta de privilégios. Eles prejudicam mais os que já estão em desvantagem. Em termos gerais, isso significa o sul global”. Já as populações que vivem nos países desenvolvidos do norte global são as menos afeitas a vivenciarem a crise climática de forma tão contundente quanto Babacar, Awa e Ibrahim, uma vez que “esse grupo está bem posicionado para se adaptar aos efeitos colaterais negativos da trajetória de desenvolvimento que eles ajudaram a gerar e dos quais se beneficiaram amplamente” (Rickards, 2020, p. 3, tradução nossa),<sup>18</sup> como exemplificado pela família de Peter.

---

<sup>17</sup> Climate harm is about lack of privilege. It hurts those already disadvantaged worst of all. In sweeping terms, that means the global south.

<sup>18</sup> (...) this group is well placed to adapt to the negative side effects of the development trajectory they have helped generate and have largely benefited from.

O terceiro cenário apresentado em “Sand” é ambientado na Groenlândia, na cidade de Qasigiannguit. Um garoto, Akysha, observa o pai em seu sono após uma noite de bebedeira. Nesses momentos, o homem torna-se abusivo e espanca o filho, mas, para Akysha, o desespero devê-lo nessa situação representa “uma dor mais profunda do que os seus hematomas” (Sand, local 1925, tradução nossa).<sup>19</sup> Akysha encontra consolo na companhia do Dr. Petersen, um cientista que monitora a calota de gelo do hemisfério norte. Akysha deixa o pai dormindo e dirige-se à casa do Dr. Petersen. Lá, escuta um diálogo entre o cientista e um outro homem, um executivo, cujo discurso é representativo do negacionismo da crise climática. O personagem não é nomeado e podemos inferir que simboliza as forças do grande capital que exploram sistematicamente os recursos do planeta para obtenção de lucro. O cientista tenta explicar a ele os perigos da destruição do plâncton marinho e do derretimento das calotas polares, mas o homem desdenha de toda a argumentação. A narração do momento em que o executivo deixa a casa de Dr. Petersen é emblemática, funcionando como um registro de como o capitalismo global posiciona-se em relação à discussão sobre as mudanças climáticas, além de um prenúncio do final do conto:

O homem deu de ombros e passou por eles. Na porta, ele parou e se virou. Akycha agora podia ver os penhascos de gelo refletidos em suas lentes. O homem balançou a cabeça. “Feedback positivo, o ponto de inflexão: alarmismo. Chegamos lá há um século, Dr. Petersen. Não há como voltar atrás desde o início da revolução industrial. Este é um planeta vivo. Mudanças catastróficas fazem parte de seu funcionamento. Ele se adapta” (Sand, local 2003, tradução nossa).<sup>20</sup>

Minutos depois de deixar o local em sua Land Rover, soando como um comentário irônico à fala do executivo, o imponderável acontece: a muralha de *icebergs* situada a dois quilômetros e meio da cidade colapsa no mar, emitindo um barulho que, aos ouvidos de Akysha, soou “indescritível. Como se a terra e o céu estivessem se partindo ao meio” (Sand, local 2003, tradução nossa). A calota polar desintegra-se em seguida e o cataclisma gera uma gigantesca onda que avança sobre Qasigiannguit, traçando o destino de Akysha, e segue seu caminho no Atlântico Norte. Seus efeitos devastadores serão percebidos pela família de Peter, especificamente pelo garoto, que pela janela do apartamento acompanha estranhos efeitos no

<sup>19</sup> a deeper pain than his bruises.

<sup>20</sup> The man shrugged and moved past them. At the door he stopped and turned. Akycha could now see the ice cliffs reflected in his lenses. The man shook his head. “Positive feedback, the tipping point: scaremongering. We got there a century ago, Dr. Petersen. There has been no way back since the industrial revolution began. This is a living planet. Catastrophic change is part of how it works. It adapts.”

céu e no mar da cidade, até que uma onda de sessenta metros aparece “para varrer em poucos minutos o que o homem havia construído durante meio milênio” (Sand, local 2030, tradução nossa).

Os cenários apocalípticos do conto são contrastantes: as agruras da seca africana, que ceifam a vida de Awa e relegam Ibrahim e Babacar à deriva, e o avanço das águas decorrente do derretimento das geleiras polares sobre o hemisfério norte, e apontam para os paradoxos das mudanças climáticas e seus efeitos assustadores, adversos e desiguais sobre o planeta.

O segundo conto, “On Darwin tides”, do primeiro volume da antologia *Everything change*, é uma narrativa em primeira pessoa da protagonista Maslina, uma garota da etnia malaia Sama. Seu relato descortina uma Malásia fortemente afetada pelas mudanças climáticas, especificamente a província de Lahad Datu, situada na Península de Dent, na região da Ásia Meridional. O ano é 2048, um futuro próximo. No início da narrativa, Maslina encontra-se no mercado noturno de Lahad Datu, vendendo clandestinamente tapetes de artesanato para turistas. O calor é escorhante e ela comenta que “daria tudo por uma barraca de plástico para [se] proteger do sol do final da tarde”<sup>21</sup>, evidenciando as ondas de calor extremo que castigam a península. Enquanto conversa e negocia com os clientes, Maslina retrata diferentes cenários ocasionados pelas mudanças climáticas na região.

Cada observação da protagonista pontua um problema ambiental. Turistas passeiam de caiaque nas águas infestadas por algas na baía, que resultam em mau cheiro e excesso de toxinas na água. No mercado, “doloroso de se ver contra o céu branqueado pelo sol, coqueiros ressequidos tombam em direção ao asfalto” (ODT, p. 157, tradução nossa) <sup>22</sup>. Ao comentar sobre as peças de artesanato feitas com pedaços de corais, Maslina informa que determinadas partes dos recifes já sofreram branqueamento e seus corais estão mortos. A turista que olha seus tapetes comenta que no sábado irá mergulhar nos recifes e então terá oportunidade de ver alguma coisa antes que os corais desapareçam. Esses turistas, chamados de “última hora” pelos nativos, são visitantes de países desenvolvidos que aproveitam a “última chance” de conhecer as belezas naturais da região antes que o colapso ambiental se consolide. Apesar da motivação questionável, são aceitos incondicionalmente, porque proporcionam uma fonte de renda para as pessoas em meio ao caos econômico e social provocado pelos impactos da crise

<sup>21</sup> would give anything for a plastic stall sheet to shield [herself] against the late-afternoon sun (O’Meara, S., 2016, p. 156, tradução nossa). As demais citações referem-se a essa edição. O título do conto será abreviado ODT e será incluído na referência parentética no corpo do texto, seguido do número da página.

<sup>22</sup> Painful to look at against the sun-blanchéd sky, coconut trees drape desiccated fronds toward the asphalt. Rile/Jile – An International Peer Reviewed Journal

climática. As melhores condições sociais e econômicas dessas pessoas lhes permitem conhecer as regiões do Sul Global onde esses efeitos são constatados diuturnamente, como evidenciado por Maslina:

Estamos em abril, na segunda metade do pior El Niño já registrado. Em dezembro, dois tufões de categoria cinco atravessaram o Mar do Sul da China, dizimando Kedah, Perlis, Kelantan e Pahang e, com eles, a maior parte da colheita de arroz, da agricultura e do óleo de palma da Península da Malásia. Malaios desenraizados e refugiados de inundações das Filipinas, Bangladesh, China, Laos e Vietnã chegaram ao meu mundo: Sabah Oriental, assolado pela seca. Não há água suficiente, não há comida suficiente e não há empregos suficientes. Sem os turistas de “última hora”, como esta mulher, estariámos tendo motins por comida e batalhas de rua como na Indonésia (ODT, p. 158, tradução nossa)

O cenário descrito é de destruição ambiental, econômica e social e enfatiza a visão de Elizabeth Cripps (2022, p. 186, tradução nossa), que os “menos responsáveis pelos danos climáticos estão perdendo tudo, e estão perdendo como consequência do colonialismo, escravidão, opressão e desconsideração sistemática pelos direitos humanos”. As condições de vida de Maslina e seu irmão, Tadi, corroboram a observação de Cripps, já que suas vidas foram desvirtuadas pelos impactos ambientais. Segundo Maslina, em 2045, ocorreram grandes protestos devido à fome na região, decorrente da crise climática. Em um desses protestos, eles se perderam de seus pais e ficaram sem rumo. Sem ter certeza se os pais foram presos ou mortos, precisaram construir estratégias de sobrevivência. Sem documentação, tornaram-se ilegais, invisíveis institucionalmente, e são perseguidos pelos aparelhos estatais encarregados desse controle — que no conto é denominado ESSFOR, uma espécie de polícia fiscalizadora. Carecem de moradia, de acesso à água potável e de alimentação adequada, de escola, de empregos, e de dignidade.

O título do conto (“Nas marés de Darwin”, em um uma tradução livre) remete à questão da adaptação para a sobrevivência, e Maslina e Tadi lutam para adaptar-se, diariamente, à sua condição de injustiçados climáticos. O final do conto apresenta alguma perspectiva para suas vidas por meio de uma ONG norte-americana, que ajuda Maslina a vender seus tapetes e obter dinheiro suficiente para conseguir a documentação que os permitirá deixar a clandestinidade aviltante e tornarem-se visíveis perante os sistemas institucionais. Ainda assim, podemos questionar esses formatos de ajuda, que, no caso de Maslina, foi casual: a ONG, na verdade, zela pelo destino dos orangotangos da região, não de

pessoas. É fato que tanto humanos como não humanos são impactados pelas mudanças climáticas e todos deveriam ser igualmente considerados, mas não é o que ocorre, como o conto demonstra. Os mecanismos de mitigação, de adaptação e de compensação que guiam os princípios da justiça climática (Cripps, 2022, p. 98)<sup>23</sup> deveriam operar sincronicamente para distribuir a justiça climática em grande escala e, mais uma vez, não é o que a narrativa de O’Meara enfatiza. Sem esses mecanismos de planejamento e ação, os barcos de refugiados climáticos certamente continuarão tentando atracar em Lahad Datu. Etnias discriminadas e não documentadas continuarão tentando sobreviver (e morrer) em condições degradantes na clandestinidade. Ecossistemas, animais, vegetais e a vida marinha seguirão sua rota de extinção, mostrando que histórias como a de Maslina correm o risco de serem continuamente narradas.

A justiça climática reforça e questiona a lacuna entre privilegiados e destituídos quanto à distribuição dos efeitos das mudanças climáticas, como os contos anteriores frisaram. “For the snake of power”, de Brenda Cooper, presente na antologia *The weight of light*, também endossa, sob uma outra perspectiva, essa visão. A história, ambientada na Phoenix do estado norte-americano do Arizona em torno de 2050, retrata um cenário de adaptação às mudanças climáticas. Mesmo assim, um questionamento sobre as ações que priorizam o poder econômico em vez do bem-estar coletivo estabelece-se na narrativa, abrindo espaço para a discussão sobre a justiça climática no conto.

Phoenix é uma cidade situada no deserto de Sonora, uma das áreas mais áridas do Arizona. Esse contexto geográfico lhe confere um clima muito seco e altas temperaturas no verão<sup>24</sup>, bem como ocorrências de tempestades de areia, as *haboobs*. Tais elementos estão presentes no conto e são cruciais para a narrativa.

Por volta de 2032, quando a cidade foi impactada por ondas de calor extremo, resultando em muitas mortes, principalmente entre a população mais empobrecida, com pouco ou nenhum acesso a sistemas de resfriamento, a solução materializou-se na serpente de energia do título, um complexo sistema de painéis solares que se eleva acima do solo da

---

<sup>23</sup> Segundo Cripps, a mitigação, no contexto das mudanças climáticas significa decrescer os níveis de emissão dos gases de efeito estufa, como colocado no Acordo de Paris (2015), por exemplo. A adaptação implica em instituir políticas públicas para proteger os ecossistemas e as formas de vida dos impactos da crise climática e a compensação refere-se aos reparos pelas perdas e danos causados e sofridos.

<sup>24</sup> No verão de 2023, as temperaturas em Phoenix bateram recordes, chegando a picos de 43,9 graus durante 54 dias (PHOENIX, 2023), uma realidade não muito diferente da retratada pelo conto. Essa aproximação entre a realidade e a ficção não deixa de sinalizar que as mudanças climáticas não são mais uma temática relegada a futuros distantes, mas um debate premente sobre o aqui e agora da crise climática.

cidade e, visto de baixo ou de cima, toma a forma de uma serpente ondulante. Graças a essa energia, sistemas de resfriamento mais eficientes puderam controlar as altas temperaturas, permitindo à população da cidade adaptar-se às novas condições climáticas. Uma informação fundamental para a narrativa é o fato de a serpente “tornar a energia disponível para todos, ricos ou não, desde que quisessem. Como os ricos tinham seus próprios sistemas, a serpente era uma obra pública para os pobres”<sup>25</sup>, ou seja, sua construção foi um mecanismo de implementação de justiça climática.

Na exposição do conto, a protagonista, Rosa, observa e analisa os danos causados aos painéis solares devido à ocorrência de uma *haboob*, o que demanda manutenção tempestiva para que a produção de energia se mantenha e sua distribuição para a população da cidade não seja comprometida. Rosa trabalha na manutenção do sistema e conta com a assistência de HANNAH, uma inteligência artificial que a auxilia com informações e cálculos. Rosa pertence à comunidade latina da cidade e não está inserida nos círculos de poder comumente integrados pelas pessoas brancas, sua história está ligada às minorias. Em uma passagem significativa no conto, a morte da avó de Rosa, em 2032, é relatada. Com a cidade atingida por fortes ondas de calor, crianças e idosos sucumbem à desidratação e à hipertermia. Essa experiência traumática muda a vida de Rosa. Com a instalação dos painéis solares, que consegue prover acesso aos sistemas de resfriamento, muitas vidas são salvas, e Rosa, grata por isso e como uma forma de homenagear sua avó vitimada pela crise climática, decide trabalhar na companhia de manutenção do sistema, a Salt River Project (SRP).

Até a ocorrência da tempestade de areia que danificou o sistema solar de geração de energia, tudo parecia estar sob controle. Até que HANNAH informa a Rosa que cerca de vinte por cento da produção de energia do sistema estavam sendo vendidos para outras cidades com menos demandas do que as de Phoenix. Rosa descobre que essa energia seria utilizada para prover mais conforto para populações economicamente privilegiadas. A revelação representa outro profundo choque para Rosa, uma vez que essa energia desviada certamente fará falta, já que a cidade enfrenta outra forte onda de calor. As previsões apontam para temperaturas entre 35 e 49,4 graus para o dia seguinte. Rosa decide enfrentar o grupo de poder que decidiu

---

<sup>25</sup> to make power available for everyone, rich or not, as long as they wanted it. Since the rich had their own systems, the snake was a public work for the poor (Cooper, 2018, p. 47). As demais citações referem-se a essa edição. O título do conto será abreviado FSP e será incluído na referência parentética no corpo do texto, seguido do número da página.

vender, ilegalmente, energia para outros estados, em detrimento dos que mais necessitavam dela. Ela decide enfrentar mecanismos de efetivação de injustiça climática.

Como enfatizado anteriormente, a justiça climática foca “nos efeitos distributivos das mudanças climáticas, destacando que esses efeitos afetam desproporcionalmente os mais pobres e menos desfavorecidos” (Porter, 2020, p. 1, tradução nossa).<sup>26</sup> É essa a percepção de Rosa no conto: a disponibilização de energia para populações que não carecem dela, mas cujo poderio econômico permite bancar privilégios em meio a uma crise climática, exemplifica como a distribuição dos impactos opera desigualmente. Cidades que não sofrem com ondas de calor extremo, como Chicago e Salt Lake City, não se importaram em diminuir o acesso da população mais pobre de Phoenix à energia solar necessária para lidar com as altas temperaturas, focando apenas no conforto da população das classes privilegiadas. Como resultado, a população mais pobre de Phoenix foi duramente afetada pelos efeitos das altas temperaturas e várias pessoas morreram em decorrência disto. Diante dessa clara demonstração de injustiça, Rosa, seu grupo de amigos na comunidade latina e a população da cidade unem-se para questionar o governo local e a SRP. Um movimento ativista é organizado e a população protesta contra a venda de energia para privilegiar pessoas ricas e exige acesso justo aos recursos.

As ponderações de Cripps (2022, p. 188, tradução nossa) sobre o posicionamento das pessoas quanto à justiça climática dialogam com a narrativa de “For the snake of power,” no sentido de reforçar a busca constante por soluções mais justas e equânimes para proteger os mais afetados pela crise climática:

As pessoas se sentem impotentes, mas têm poder coletivo. Devemos trabalhar com outras pessoas motivadas para desafiar a injustiça climática, por meio de ativismo inclusivo, movimentos de baixo carbono, setores renováveis e de adaptação. Em um mundo em crise, cada um de nós pode — e deve — ser um cidadão global responsável.<sup>27</sup>

É o que fazem Rosa, sua comunidade e as populações mais pobres de Phoenix. Seu ativismo e conscientização culminam no cancelamento da venda de energia para Chicago, interrompem os apagões de energia e demandam um posicionamento mais transparente do

---

<sup>26</sup> on the distributional effects of climate change – pointing out that those effects disproportionately burden the poorest and least disadvantaged.

<sup>27</sup> Individuals feel powerless but have collective power. We should work with motivated others to challenge climate injustice, through inclusive activism, low-carbon movements, renewable and adaptation industries. In a world in crisis, each of us can – and must – be a responsible global citizen.

governo da cidade e da SRP. Não por acaso, o final do conto foca nos sentimentos que perpassam Rosa após os acontecimentos: a consciência de ter tomado a melhor decisão em prol de justiça e coletividade em um momento decisivo: “[e]la havia se saído melhor. Ela encontraria uma maneira de arcar com o preço. Era bom estar em casa” (FSP, p. 59, tradução nossa).<sup>28</sup> A serpente de painéis solares que ondula sobre a paisagem de Phoenix simboliza o esforço coletivo de adaptação às mudanças climáticas. Ao reencontrar o sentimento de pertencimento a sua comunidade, Rosa percebe como ele é indispensável para assegurar, tanto na esfera institucional, quanto no contexto das relações sociais, o acesso justo aos meios que permitem a sobrevivência em um mundo danificado pelos impactos da crise climática.

“Half-eaten cities”, publicada no segundo volume da antologia *Everything change*, retoma a discussão sobre o fosso que separa os impactados pelas mudanças climáticas por meio de uma metáfora: o avanço ameaçador do nível dos mares sobre os continentes, devorando seus espaços — derivando daí o título do conto (“Cidades semi-devoradas”, em uma tradução livre). Em um breve relato, ecoando a prosa poética, um narrador coletivo (nós) descreve os espaços inundados por um oceano voraz, que preenche os espaços até então ocupados pelo ar que respiramos: “E o mar nos seguiu até nossas casas. O mar encheu nossas casas; nunca antes havíamos notado que grande parte de um cômodo era espaço vazio. Aprendemos a prender a respiração”<sup>29</sup>. O narrador prossegue na descrição da invasão das águas e os transtornos que ela acarreta. Juntamente com a água, vieram a poluição, o lixo tóxico — tudo que foi atirado ao mar é devolvido — e, principalmente, a urgência da adaptação: reaprender a nadar, a flutuar no sono, a transformar-se em “símios molhados” (HEC, local 524, tradução nossa),<sup>30</sup> em uma irônica referência à adaptação e evolução das espécies da teoria darwiniana.

Contudo, o ponto fundamental do conto de Vandrasekera é a distinção entre “nós” e “eles” na narrativa. Nesse contexto, o narrador pertence ao grupo absolutamente afetado pela inundação das terras secas. E “eles” são os que não foram impactados pela catástrofe das inundações. Na perspectiva do narrador, o mar soube distinguir os dois grupos, inundando os espaços de “nós” e desviando-se dos espaços “deles”. Uma explicação foi dada: “Nossos

<sup>28</sup> She had done better. She would find a way to bear the price. It felt good to be home.

<sup>29</sup> The sea followed us home. The sea filled up our homes; we had never before noticed how much of a room was empty space. We learned to hold our breath (Vandrasekera, Vajra, 2018, local 519, tradução nossa). As demais citações referem-se a essa edição. O título do conto será abreviado HEC e será incluído na referência parentética no corpo do texto, seguido da localização na edição do Kindle.

<sup>30</sup> wet apes.

cientistas investigaram esse limite, essa diferença. Eles disseram que a curvatura do mar era um efeito das concentrações maciças de riqueza” (HEC, local 530, tradução nossa).<sup>31</sup> O mar não afeta os economicamente privilegiados, é a conclusão. Ele não pode molhá-los, ele não pode afogá-los. O mar recua ante a riqueza. Assim, enquanto o narrador coletivo relata os apuros dos demais na luta pela adaptação à vida na água, “[e]les seguiram em frente com suas vidas, cercados por imponentes penhascos de água” (HEC, local 541, tradução nossa).<sup>32</sup> Nessa parábola insólita, fica explícita a fundamental constatação das desproporionalidades envolvidas quando se considera quem são os maiores impactados pelas consequências das mudanças climáticas. Tais consequências recaem “sobre as vidas e os meios de subsistência das populações mais vulneráveis e politicamente marginalizadas, desde nações indígenas e comunidades campesinas no Sul até centros urbanos empobrecidos no Norte Global” (Tokar, 2019, p. 20, tradução nossa).<sup>33</sup> Esses são os “nós” evidenciados por “Half-eaten cities”: aqueles cujas opções são perecer ou adaptar-se. No conto, essa transição é delineada de forma esplendorosamente poética por Vandrasakera:

Condenados pelas guelras, saltamos como baleias para fora da água antes de descermos para a noite mesopelágica. Quando finalmente nos demos as guelras que há tanto tempo negávamos e afundamos na superfície das coisas pela primeira vez, respiramos aquele mar escuro como vinho e ele tinha o gosto do sal que será deixado em nossos rostos quando um dia o mar evaporar ao sol e aprendermos a andar novamente (HEC, local 556-558, tradução nossa)<sup>34</sup>.

Podemos interpretá-la como um chamado dos vulneráveis e marginalizados mencionados acima por Tokar. Relegados à invisibilidade da “noite mesopelágica”, vislumbram o dia em que poderão andar novamente sob a terra seca e à luz do sol — talvez quando a justiça climática for um dado da realidade, não um conceito amorfó aguardando algum tipo de materialização em um futuro incerto.

Os conflitos estabelecidos nas narrativas dos contos evocam questões ambientais e ecológicas relacionadas à ideia de um planeta afetado por ações e por procedimentos humanos

---

<sup>31</sup> Our scientists investigated this boundary, this difference. They said the curvature of the sea was an effect of massed concentrations of wealth.

<sup>32</sup> They moved on with their lives, enclaved by towering cliffsides of water.

<sup>33</sup> on the lives and livelihoods of the most vulnerable and politically marginalised populations, from indigenous nations and peasant communities in the South to impoverished urban centres in the Global North.

<sup>34</sup> Gill-doomed we leapt like whales out of the water before we went down into the mesopelagic evening. When we finally gave ourselves those gills we had so long denied and sank beneath the surface of things for the first time, we breathed in that wine-dark sea and it tasted like the salt that will be left behind on our faces when someday the sea evaporates in the sun, and we learn to walk again.

equivocados em relação ao uso e à exploração da biosfera, enfatizando como o aquecimento global muda os espaços, as realidades não humanas, as vidas humanas e as vidas de outras espécies em face de eventos climáticos extremos como secas severas, ondas de calor, inundações, aumento do nível dos mares, derretimento das calotas polares e extinção de espécies. Tais ações repercutem em níveis local e global, e são percebidas e experienciadas conforme as condições geográficas, sociais e econômicas dos impactados.

Ao retratar essas questões complexas por meio de mundos imaginados, a ficção climática contemporânea instiga reflexões que podem contribuir para o debate político, científico, social e econômico que permeia as inquietações e ansiedades que a mudança climática suscita. Os contos evidenciam, por meio de suas estratégias narrativas, os espaços afetados pelas mudanças climáticas e como os personagens interagiram com eles; as maneiras como as consequências das mudanças climáticas foram apreendidas e vivenciadas e como as experiências dos personagens enfatizam o desequilíbrio de seus impactos, permitindo ao leitor ponderar sobre como uma noção sobre a justiça (ou injustiça) climática é constituída.

Nesse sentido, as histórias corroboram a observação de Tahseen Jafry que “é nossa responsabilidade abordar as causas fundamentais da desigualdade climática e priorizar aqueles que são mais vulneráveis” (2019, p. 521, tradução nossa).<sup>35</sup> Da mesma forma, Schneider-Mayerson (2019, p. 961, tradução nossa) pondera que, à medida que “entrarmos em uma era em que as preocupações socioambientais serão definidas por adaptação, triagem e migração, além da mitigação, será fundamental manter a justiça em mente”.<sup>36</sup> Portanto, ao incorporar a moldura narrativa da justiça e equidade (Hulme, 2009), a ficção climática possibilita expor, debater e aprimorar as reivindicações defendidas pela justiça climática.

Para além de oferecer aos leitores representações sobre os cenários sombrios que as mudanças climáticas ensejam, os contos evidenciam que é imperioso apontar e discutir quem são os agentes responsáveis pelo acirramento da crise climática, por exemplo, nos níveis institucional, governamental e produtivo. E, sobretudo, apontar sobre quem — entes humanos e não humanos — recairá o ônus de suas injustiças, para que possamos refletir e agir sobre seus mecanismos propagadores. Glotfelty (1996, p. xxiv, tradução nossa) observa que “[u]ma crítica com enfoque ecológico é um empreendimento digno principalmente porque ela

---

<sup>35</sup> (...) it is our responsibility to address the root causes of climate inequality and prioritise those who are the most vulnerable.

<sup>36</sup> As we move into an era in which socioenvironmental concerns will be defined by adaptation, triage, and migration in addition to mitigation, it will be critical to keep justice firmly in mind.

direciona nossa atenção para assuntos sobre os quais precisamos pensar. A conscientização é a sua tarefa mais importante.”<sup>37</sup> Nesse contexto, a ficção climática contemporânea e sua crítica têm se configurado, cada vez mais, como um espaço para engendrar e reverberar tais reflexões.

### Referências bibliográficas:

- ASSELIN, Steve. A climate of competition: climate change as political economy in speculative fiction, 1889–1915. In: **Science Fiction Studies**, v. 45, n. 3, p. 440-453, November 2018.
- COOPER, Brenda. For the snake of power. In: ESCHRICH, Joey; MILLER Clark A. **The weight of light: a collection of solar futures**. Arizona State University, 2018. p. 43-59.
- CORDEROY, Connor. Sand. In: WOODBURY, Mary (Ed). **Winds of change: short stories about our climate**. Coquitlam, British Columbia: Moon Willow Press, 2015. Local 1879-2036.
- CRIPPS, Elizabeth. **What climate justice means**. London: Bloomsbury Continuum, 2022.
- CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. The anthropocene. In: **The International Geosphere–Biosphere Programme (IGBP)**. Stockholm, v. 41. p. 17-18, May 2000.
- FRELIK, Pawel. On not calling a spade a spade: climate fiction as science fiction. In: **Amerikastudien / American Studies**, v. 62, n. 1, p. 125-129, 2017.
- GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (Ed). **The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. Athens, Georgia: The University of Georgia Press, 1996.
- HULME, Mike. **Why we disagree about climate change: understanding controversy, inaction and opportunity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- JAFRY, Tahseen. Conclusion. In: **Routledge handbook of climate justice**. London and New York: Routledge, 2019. p. 521-527.
- JOHNS-PUTRA, Adeline; TREXLER, Adam. Climate change in literature and literary criticism. In: **Wiley interdisciplinary reviews: Climate Change**, v. 2, p. 185-200, March/April 2011.
- O’MEARA, Shauna. The Darwin tides. In: ESCHRICH, Joey, MILKOREIT, Manjana, MARTINEZ, Meredith (Ed.) **Everything change: an anthology of climate fiction**, v. I. Arizona State University, 2016. p. 156-177.

---

<sup>37</sup> An ecologically focused criticism is a worthy enterprise primarily because it directs our attention to matters about which we need to be thinking. Consciousness raising is its most important task.

PHOENIX hit 110 degrees on 54 days in 2023, setting another heat record. **PBS News Hour.** 10 sep. 2023. Disponível em: <https://www.pbs.org/newshour/nation/phoenix-hit-110-degrees-on-54-days-in-2023-setting-another-heat-record>. Acesso em: 18 nov. 2023.

PORTER, Liby *et al.* Climate justice in a climate changed world. In: **Planning Theory & Practice**, 2020, p. 1-3.

RICKARDS, Lauren. Using and interrogating privilege to progress climate justice. In: PORTER, Liby et al. Climate justice in a climate changed world. **Planning Theory & Practice**, 2020, p. 1-5.

SCHNEIDER-MAYERSON, Matthew. Whose odds? the absence of climate justice in American climate fiction novels. In: **ISLE: Interdisciplinary Studies in Literature and Environment**, v. 26, n. 4, p. 944-967, 2019.

TOKAR, Brian. On the evolution and continuing development of the climate justice movement. In: JAFRY, Tahseen. **Routledge handbook of climate justice**. London and New York: Routledge, 2019. p. 13-25.

TREXLER, Adam. **Anthropocene fictions:** the novel in a time of climate change. Charlottesville: University of Virginia Press, 2015.

VANDRASEKERA, Vajra. Half-eaten cities. In: DELL, Angie; ESCHRICH Joey (Ed). **Everything change:** an anthology of climate fiction, v. II, 2028. Local 518-558.